

# Pouco de Lucio Costa na cidade real

Tese de mestrado da Faculdade de Arquitetura da UnB mostra as alterações no projeto do urbanista que concebeu Brasília

José Paulo Lacerda/Ag. Pixel



AS 700 (E) deveriam ser pomares, mas viraram área residencial

“Não pretendia competir e, na verdade, não concorro – apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta.”

## LUCIO COSTA,

RELATÓRIO DO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA

## RICARDO RAMOS

O xis levemente arqueado do urbanista foi escolhido o projeto vencedor para a construção da nova capital no dia 16 de março de 1957 pela Comissão Julgadora do Concurso. Lucio quase deixou de apresentar o seu rabisco em lápis de cor sobre a cidade-parque e a justificativa em breves 23 pontos a tempo. Porém, 44 anos depois do Plano Piloto de Brasília – ou PPB para os urbanistas – materializou-se em habitantes e transtornos. Muita coisa mudou, numa velocidade que os brasilienses e conhecedores da capital não imaginavam.

A tese de mestrado do arquiteto Francisco das Chagas Leitão, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) pretende desmistificar a epopéia que foi construir uma capital em três anos, seis meses e 18 dias. E as transformações reais que o traço imaginário de Lucio recebeu logo antes e pouco depois da inauguração. O estudo *Do risco*

à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964, de Francisco Leitão, aponta uma grande quantidade de mudanças introduzidas no PPB original de Lucio Costa.

Tão logo escolheram o projeto vencedor, o membro da comissão julgadora, William Holdford, sugeriu que o conjunto da cidade fosse deslocado para leste. A mudança buscou reduzir a extensão de áreas não ocupadas entre a cidade e as margens do Lago Paranoá, a fim de evitar pressões futuras por ocupações inadequadas. A intersecção entre os dois eixos, então, desceu 800 metros em direção ao lago. E as casas foram para o outro lado da margem.

A capital também engordou. Lúcio havia descrito um PPB apenas com as superquadras 300, 100 e 200. Porém, as primeiras obras com fins residenciais iniciaram em 20 de julho de 1957, quatro meses depois da escolha do projeto, já desvirtuando o traçado inicial. A cons-

trução de 500 casas geminadas nas atuais HIGS 709 e 710, onde, segundo o urbanista, deveria haver floriculturas, hortas e pomares. As habitações destinavam-se à transferência dos técnicos para a capital.

Rapidamente, a cidade foi povoada ao largo do Eixão. Em seu lado leste, criou-se um conjunto habitacional coletivo e econômico, com apartamentos de três andares, as 400 e outro de serviços, as 600. A oeste, ao improviso das casas nas 700, soma-se as 900, chamado Setor de Grandes Áreas. As quadras 600 e 900 somente começaram a ser ocupadas em 1959, e só dois anos depois da inauguração, em 1962, seriam efetivamente projetadas como um setor.

Ao inchaço nas asas, a alternativa para manter a proporção de Lucio Costa, segundo a qual a extensão do Eixo Monumental equivaleria a cada um dos braços do Plano Piloto, foi suprimir o canteiro central, a oeste, da mesma pista.

No início, os dois sentidos do Eixo Monumental partilhavam do mesmo leito de via, em mão dupla, até a altura onde hoje se encontra o Palácio do Buriti. A medida garantiu, ao menos visualmente, os elementos espaciais responsáveis por marcar os limites da composição urbanística do Plano Piloto: a Praça dos Três Poderes e a Praça Municipal. A supressão permaneceu até meados da década de 70, quando implementaram o Memorial Juscelino Kubitschek.

As mudanças, argumenta Leitão, denotam a ativa atuação de duas equipes, que não raras vezes se rivalizaram. A primeira, a da Divisão de Urbanismo da Novacap, sob a chefia do engenheiro Augusto Guimarães Filho, convidado por Lucio Costa, atuou de 1957 a 1960, do Rio de Janeiro. A outra, a Divisão de Arquitetura, sob a orientação de Oscar Niemeyer, fez projetos, a partir de 1958, de prédios oficiais e também de várias superquadras.

[ricardo.ramos@jb.com.br](mailto:ricardo.ramos@jb.com.br)

## Mudanças no plano original de Lucio Costa:

\* Cada uma das superquadras 300 e 400 teriam dois postos de gasolina.

– Proposta nunca executada, embora haja, como a SQS 307, o espaço reservado;

\* Ainda que a expressão “unidade de vizinhança” não conste do Plano Piloto de Brasília desenhado por de Lucio Costa, não foram localizados equipamentos de apoio às imediações das superquadras, como igrejas do bairro, cinema, clube da juventude e escola secundária.

Contudo, não há plantas

urbanísticas par as entrequadras até 1964.

– Atualmente, só há dois clubes, um na EQS 108/109 e outra na 604 Norte. Deveriam haver seis unidades;

\* As 14 faixas do Eixo-Eodoviário (Eixão, mais eixinhos L e W) teriam uma configuração bastante diferente. Mais largo, haveriam tesourinhas no Eixão – que também permitiria aos usuários entrar para as superquadras.

\* As ocupações comerciais ao longo

da W3 diferem entre as asas Norte e Sul. Inicialmente, o projeto da W3 Norte, com edificações com marquises, foi abandonada. Mas, até a altura da 502 Norte (onde fica a Radiobrás)

\* Não se pensou num plano de transporte coletivo. À época, as repartições públicas e as empresas privadas ficavam a cargo de levar e trazer seus funcionários. Segundo Leitão, Lúcio Costa pensou na roupa dos motoristas dos ônibus, que também seriam cobradres.